



EDUCAÇÃO:

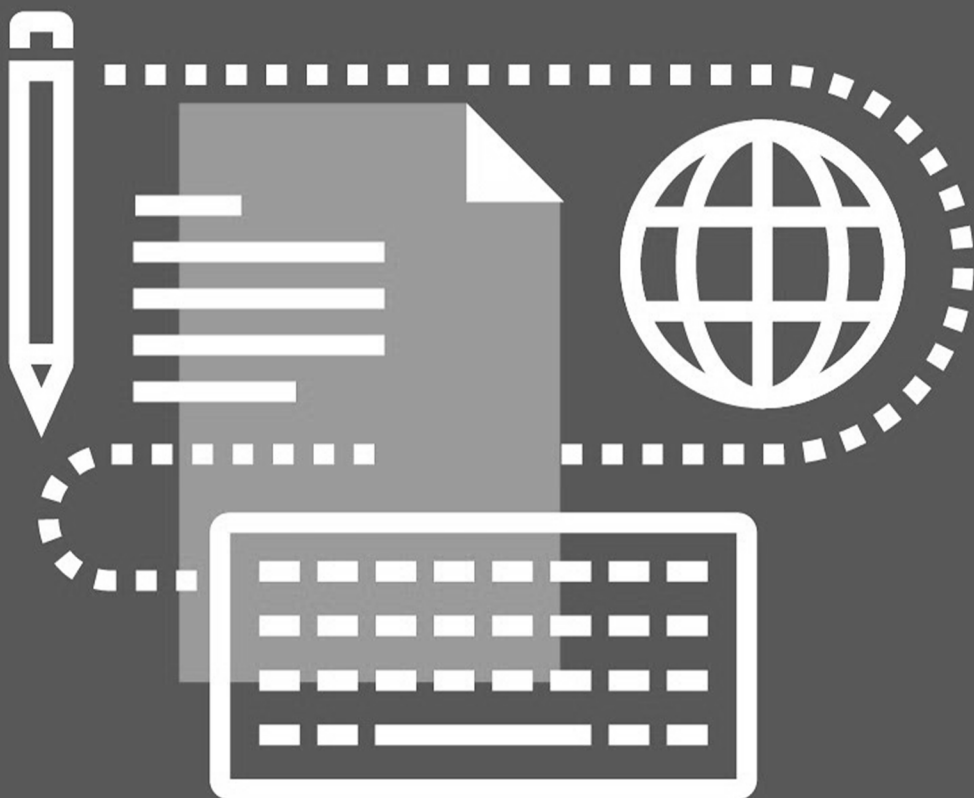
ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

5

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora

Ano 2020



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

5

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^a Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 5

Editores: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 5 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-290-6
DOI 10.22533/at.ed.906201808

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Planejamento educacional.
I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo destrato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. Precisamos criar diferentes espaços de resistência a todos os retrocessos que nos estão sendo impostos. O quinto volume deste livro, intitulado “**Educação: Atualidade e Capacidade de Transformação do Conhecimento Gerado**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, aqueles e aquelas que pensam e inter cruzam as discussões sobre as questões de Gênero, Educação Inclusiva e Sexualidade, em diferentes instituições e regiões do país.

Este livro, portanto, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional brasileiro e as questões voltadas à inclusão, sexualidade e gênero. Os capítulos que compõe essa obra abordam, de forma interdisciplinar, a partir da realização de pesquisas, relatos de casos e revisões, problemas e situações comuns do contexto educacional.

Por fim, ao levar em consideração todos os elementos que apresentamos anteriormente, esta obra, a partir das discussões que emergem de suas páginas, constitui-se enquanto importante leitura para aqueles que fazem Educação no país ou aqueles que se interessam pelas temáticas aqui discutidas. Nesse sentido, desejo uma boa leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PROFESSORES DE CIÊNCIAS E ORIENTAÇÃO SEXUAL EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE BARREIRAS - BAHIA	
Raquel Lima Besnosik	
Fábio de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9062018081	
CAPÍTULO 2	12
A DIVERSIDADE DOS SUJEITOS DA EJA: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOCULTURAIS NA ATUAL EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Amilton Alves de Souza	
Damile da Luz dos Santos Ferreira	
Edeilda Souza Gonçalves Viana	
Humberto Cordeiro Araujo Maia	
DOI 10.22533/at.ed.9062018082	
CAPÍTULO 3	34
CONCEPÇÕES DE DOIS PROFESSORES DE CIÊNCIAS SOBRE A SEXUALIDADE TRABALHADA EM SUAS ESCOLAS	
Viviane Faria Lopes	
Paulo Henrique Mesquita Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.9062018083	
CAPÍTULO 4	49
O DIÁLOGO SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR INTERCULTURAL E BILÍNGUE	
Marlene de Brito Kling Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9062018084	
CAPÍTULO 5	62
CENAS E DIÁLOGOS ENTRE CRIANÇAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PENSAM, SENTEM E FALAM SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO?	
Geisa Orlandini Cabiceira Garrido	
Maria de Fátima Salum Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.9062018085	
CAPÍTULO 6	74
APLICATIVO EDUCATIVO PIONEIRAS: O RECONHECIMENTO DAS MULHERES DO BRASIL	
Júlia Braga Marques Pereira	
Mikaele Duarte de Souza	
Frederico Alves Lopes	
Adriana Mara Vasconcelos Fernandes de Oliveira	
Vitória Bispo Umbelino	
Maria Luiza Andrade Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9062018086	
CAPÍTULO 7	86
A PEDAGOGIA DE PROJETO FACILITANDO APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EJA EM PRISÕES	
Angela Moraes Cordeiro Sena	
DOI 10.22533/at.ed.9062018087	

CAPÍTULO 8	97
A EDUCAÇÃO ESCOLAR NOS AMBIENTES DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	
Dayane Gasparotto Bertoli	
Vanessa Cristina Giangrossi	
Fernanda da Conceição de Lima	
Paula Nascimento da Silva Moura	
DOI 10.22533/at.ed.9062018088	
CAPÍTULO 9	107
A FUNDAMENTAÇÃO DA EJA COMO PROSPECÇÃO PARA UMA EDUCAÇÃO DE RESSOCIALIZAÇÃO DE ALUNOS PRIVADOS DE LIBERDADE NA CASA DE DETENÇÃO DE ARIQUEMES	
Preves Santonira	
DOI 10.22533/at.ed.9062018089	
CAPÍTULO 10	118
CIDADANIA SEXUAL E “MASCULINIDADE EXTRAORDINÁRIA”: APONTAMENTOS EM GRAFITOS ESCOLARES	
Adriano Rogério Cardoso	
Tânia Regina Zimmermann	
DOI 10.22533/at.ed.90620180810	
CAPÍTULO 11	135
NAS TEIAS DE UM CURRÍCULO ESCOLAR: A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA EM FINOS FIOS	
Antônio Ferreira	
Edimara Gonçalves Soares	
DOI 10.22533/at.ed.90620180811	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	146
ÍNDICE REMISSIVO	147

CONCEPÇÕES DE DOIS PROFESSORES DE CIÊNCIAS SOBRE A SEXUALIDADE TRABALHADA EM SUAS ESCOLAS

Data de aceite: 03/08/2020

Data de submissão: 29/06/2020

Viviane Faria Lopes

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Formosa/GO

<http://lattes.cnpq.br/2373124294060117>

Paulo Henrique Mesquita Carneiro

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Itapuranga/GO

<http://lattes.cnpq.br/2034552628441549>

RESUMO: Este trabalho resulta de uma pesquisa que visa a compreender os desafios do professor de biologia ao falar, pela primeira vez, sobre sexo para alunos de 7º e 8º série. Dessa forma, avaliaremos as possíveis dificuldades ao se tratar sobre o tema “Sexualidade nas escolas”. A pesquisa está pautada em uma investigação qualitativa, feita em duas instituições de ensino da rede pública, cuja proposta é investigar como os professores conseguem lidar com a sexualidade em sala e se estão cumprindo ou não com o que prescrevem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Ministério da Educação (MEC), quanto à orientação sexual no ambiente escolar. Para isso, são referências,

nesse trabalho, autores renomados nas áreas de letramento, já que a pesquisa pretende verificar os resultados do ensino desse assunto. Interessa-nos conhecer, ainda, as formas como a escola e os profissionais presentes têm lidado com a sexualidade humana e como tais informações, na visão dos docentes, chegam aos adolescentes ali presentes. Tendo em vista que a curiosidade sobre o tema é comum nessa idade, a importância do papel social do professor é evidente, por ser a escola um espaço enriquecedor para esclarecimento e discussões.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Professor. Ensino. Ciências.

ABSTRACT: This work is the result of a research that aims to understand the challenges of the biology teacher when talking, for the first time, about sex for students of 7th and 8th grade. In that way, we will evaluate the possible difficulties to the if she treats on the theme “Sexuality in the schools”. THE research is ruled in a qualitative investigation, done in two institutions of teaching of the public net, whose proposal is to investigate as the teachers get to work with the sexuality in room and she are accomplishing or not with what they prescribe The National Curricular Parameters (PCNs) and Ministry of

Education (MEC), as for the sexual orientation in the school atmosphere. For that, they are references, in that work, renowned authors in the literacy areas, since the research intends to verify the results of the teaching of that subject. It interests to know us, still, the forms as the school and the present professionals have been working with the human sexuality and as such information, in the teachers' vision, they arrive to the adolescents there presents. Tends in view that the curiosity on the theme is common in that age, the importance of the teacher's social paper is evident, for being the school a space enriching for explanation and discussions.

KEYWORDS: Sexuality. Teacher. Teaching. Sciences.

“A ARTE DE AMAR”¹

Conforme estudos sociológicos, a sexualidade faz parte da existência humana e é fruto do contexto biológico, histórico e cultural, permitindo a busca pelos sentimentos, pelos valores e pelas atitudes por meio da prática sexual. Isso mostra a importância em refletir e observar as maneiras como os temas são transmitidos aos alunos, trazendo, por referência, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os quais apontam os passos para se trabalhar a orientação sexual em sala de aula.

Por conta da formação, o professor sugerido para trabalhar com essas discussões é o de Biologia – ou Ciências. Com o objetivo de analisar e observar as fragilidades em discutir o tema “sexualidade nas escolas”, esta produção pretende investigar as prováveis obstáculos, limitações e dificuldades, por parte desse profissional, em abordar esse tema junto a seus alunos, e averiguar, ainda, se existe, para os docentes, algum despreparo para se falar abertamente sobre a questão.

A curiosidade sobre sexo e sexualidade é comum nos mais diversos ambientes e, dessa forma, o meio educacional se mostra um espaço enriquecedor para o esclarecimento do tema, por meio de discussões e da exposição durante as aulas. Considerando a composição natural humana, é possível constatar a importância do ensino desse tema, bem como apontar os educadores como aqueles que não se limitarão a tratar dos conhecimentos relacionados apenas aos aspectos biológicos, mas, também, aos aspectos sociais e pessoais, tendo em vista seu importante papel enquanto transmissor de conhecimento e formador de pensamentos.

Pedagogos, psicólogos e sociólogos diversos verificaram que, na atualidade, devido às grandes transformações às quais estamos sempre expostos e à enorme quantidade de informação que assimilamos em nossa formação, os estudos sobre a sexualidade deveriam ser vistos com olhos mais naturais e com mais seriedade. Mas será que é assim que acontece? Por isso, essa indagação tornou-se uma inquietação e, por fim, uma pesquisa

1. *Ars Amatoria*, em latim, é a obra **A arte de amar**, do poeta romano Ovídio. Escrita em versos, é composta por três livros que trazem como tema a arte da sedução amorosa.

que procura pela resposta, afinal, ao se entender melhor – psico e fisiologicamente – a pessoa experimenta um crescimento em todos os planos: sexual, intelectual, físico, emocional e social. O desenvolvimento, quando realizado de forma responsável, traz ao indivíduo um progresso humano mais completo, tornando-o, então, mais satisfeito com sua própria condição societária.

A CIÊNCIA DO SENTIMENTO

Apesar de imprescindíveis, as discussões, no âmbito escolar, sobre a sexualidade, são consideradas como algo bem recente, tendo em vista que as primeiras pesquisas datam da década de 70. Nessa época, segundo Piasentim (2009), fazia parte da matriz curricular de 1º e 2º graus a disciplina de “Programa de Saúde”. Logo em seguida, os PCN (BRASIL, 1998) ampliaram as orientações, passando a tê-los como um tema “transversal”, na qual deve ser um assunto trabalhado em todas as concepções e estruturas no ensino fundamental e médio das escolas brasileiras.

Segundo Nunes (2000), falar sobre sexualidade na escola sempre foi objeto de grande polêmica, sendo necessário manter-se a uma certa distância dos procedimentos curriculares e das responsabilidades da instituição. Já para Sampaio (1995), esse tema tem que ser visto como elemento que será de suma importância na preparação do indivíduo para a vida, mas, para isso acontecer, o educador deve estar preparado para realizar tal tarefa.

Compreende-se que a sexualidade seja algo que está ligado, por natureza, às pessoas, já que se trata de saúde e é biologicamente expressada desde cedo nos seres humanos. Para Suplicy (1983), por exemplo, o ambiente do lar deveria ser repassador das primeiras orientações sexuais, pois a criança tem curiosidade e, nessa fase, é necessário que se esbocem alguns detalhes, que não se escondam outros e nem que se minta ou brigue com ela quando chega a tocar nesse assunto.

Segundo Fagundes (1995), se a criança não tiver informações desde cedo a assuntos ligados à sua intimidade fisiológica, será mais difícil de compartilhar com os pais seus medos e seus anseios referentes à vida. E, se não houver apoio e orientação da família para tais descobertas, “o pequeno ser”, possivelmente, tornar-se-á um adolescente cheio de dúvidas em relação a suas particularidades e condições. Porém, se não for em casa, onde ele encontraria suas respostas, então? Na *Internet*, nas revistas ou conversando com amigos e pessoas que já tiveram alguma experiência sexual? De qualquer forma, é o que acaba acontecendo com aqueles que não têm em sua base afetiva a instrução necessária sobre sua formação biológica: aprendem com outros, que, nem sempre, são os melhores “professores”.

Diante desses apontamentos, é possível verificar o quanto a educação sexual infantil

acaba por estabelecer um alicerce para toda a vida sexual adulta. Conforme Souza (1991),

Oferecer condições para que um ser assuma seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livre de medo e culpa, preconceito, vergonha, bloqueios ou tabus. É um crescimento exterior e interior, onde há respeito pela sexualidade do outro, responsabilidade pelos seus atos, direito de sentir prazer, se emocionar, chorar, curtir sadiamente a vida. É ter direito a esse crescimento com confiança, graças às respostas obtidas aos seus questionamentos, podendo criticar, transformar valores, participar de tudo de forma sadia e positiva, sempre buscando melhores relacionamentos humanos. (SOUZA, 1991, p. 18)

Todavia, tem-se confirmado que é muito difícil abordar tal assunto, pois, ao falar sobre sexualidade, expomos, também, a nossa, com nossos conceitos particulares, os quais são fruto de uma identidade cultural. A ausência de uma atitude apropriada para se tratar do tema pode, ainda, provocar, no indivíduo, uma carência na construção de sua personalidade, o que o leva a buscar, em outras fontes, uma forma de sanar suas dúvidas e curiosidades – fontes essas que podem ser, além de impróprias, perigosas. Os adolescentes e as crianças começam desde muito cedo a expressar seus sentimentos em relação às experiências vividas e às descobertas, para isso, sempre utilizarão seu corpo, com o intuito de demonstrar sentimentos, desejos e dúvidas. A esse respeito, Motta e Porto (1995) afirmam que

É com o corpo que sou capaz de ver, ouvir, falar, perceber e sentir as coisas. O relacionamento com a vida e com os outros corpos dá-se pela comunicação e pela linguagem que o corpo é e possui. Esta é a minha existência, na qual tenho consciência do meu eu no tempo e no espaço. O corpo ao expressar seu ser sensível, torna-se. Todo o sujeito tem seu mundo construído a partir de suas próprias experiências corporais. As brincadeiras ou jogos sexuais entre as crianças são muito importantes, pois servem para atender às necessidades sexuais das mesmas. Nas crianças as brincadeiras sexuais são frequentes e satisfazem a sua curiosidade de ver e tocar o corpo do outro, de ver se é de outro sexo ou de conferir, se o corpo do outro é igual ao seu. Esta descoberta dá prazer físico e emocional. É uma fase transitória e normal entre crianças da mesma idade e não dever ser punida. (MOTTA e PORTO, 1995, p. 25)

Para que todos os elementos presentes nesse meio possam fazer parte da vida do aluno, é preciso que tenha condições socioeconômicas e culturais, não se esquecendo, também, dos distintos fatores biológicos entre homem e mulher.

Por tais estudos, encontra-se firmemente comprovado que o tema sexualidade seja algo proeminente para a vida do jovem, com relevância de conteúdo e necessário à composição social desse indivíduo em formação. Para Altmann (2002), por exemplo, o assunto deve ultrapassar fronteiras disciplinares e de gênero, tornar-se tema de capítulo de livro, permear as conversas juvenis de forma natural, tanto dos que pertencem ao sexo masculino quanto aos do feminino.

Um fator que pode provocar temor nos professores é o de orientar seus alunos a terem sua própria liberdade sexual, pois sabem que isso criaria, possivelmente, uma contraposição aos valores pessoais que ultrapassariam e, talvez, afrontariam os recebidos no seio familiar. Esse receio – tão justificado – é consequência da composição cultural

altamente arraigada a valores sociais religiosos, os quais ainda norteiam a conduta da maioria das famílias.

Todavia, ainda segundo Altmann (2002), uma educação que propicia essa liberdade irá possibilitar ao indivíduo o poder de se desoprimir, criando possibilidades em optar e assumir a que mais lhe agrada. Por isso, ao se falar de sexualidade, é necessário se pensar em metodologias as quais convidem o aluno a compreender e encontrar as suas respostas. Seria inadequada, por exemplo, uma aula onde o professor fala e os alunos simplesmente escutam, afinal, o docente deve ser um farol, uma luz que guia e que aponta para direções diferentes e múltiplas.

Sousa (1991) aponta que o período da adolescência é quando ocorrem mais transformações físicas, sociais e psicológicas. Os jovens se desenvolvem rápido nas instâncias físicas, todavia, de forma mais lenta em outras – como na psíquica e na social –, tendo todas essas mudanças só chegando ao fim quando assumem o seu papel de adulto. Afinal, sabe-se que o ser humano vive em constantes alterações, criando novos hábitos e costumes. Dessa forma, grande parte de seus conhecimentos são adquiridos por meio da escola – menos os que vêm de modo informal. Isso nos leva a refletir sobre a importância de a sexualidade ser trabalhada no âmbito educacional, evitando-se, então, a ocorrência quanto ao recebimento de informações não científicas ou indevidas, principalmente no período da pré-adolescência ou da puberdade (entre 10 e 14 anos de idade), já que é nessa época que começam a se desenvolver vários questionamentos em relação ao sexo e às transformações do corpo.

Preocupados com isso, vários psicólogos e sexólogos (SAMPALHO, 1996; SOUZA, 1991), afirmam que esse deve ser um tema a ser trabalhado “o quanto antes”, todavia, de uma forma bem natural, na mesma intensidade que a criança vai se autodescobrindo, enquanto começa a conhecer mais intimamente seu corpo. Por isso, a educação sexual deve ser entendida em um viés mais amplo, promovendo e desenvolvendo discussões de forma mais livre/espontânea em relação ao sexo, criando, assim, nos adolescentes, um debate com a sua própria sexualidade. Quanto a isso, Bento (1989) afirma que sempre, na educação e no desenvolvimento de uma criança, haverá imponderações e incertezas. Por isso, é necessário se respeitar a maneira como a pessoa é, em sua individualidade, lembrando-se de que cada corpo é único e, por isso, essa orientação respeitosa deve ser feita ao logo do tempo.

ESCOLA E INTIMIDADE

O primeiro passo, para que ocorra adequadamente a transmissão dessas informações, está em o meio escolar precisar entender a contextualização do que vem a ser a sexualidade e o reconhecimento da sua importância no desenvolvimento individual

e coletivo, tendo, em primeira instância, a influência da família, a qual desenvolverá, em seus filhos, valores embasados em sua composição própria.

A instituição de ensino deve abordar diversos pontos de vista, segundo o MEC (2001):

De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui de Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. (MEC, 2001, p. 83)

Desta forma, a escola deve desenvolver um trabalho de levantar e questionar a sexualidade de seus alunos, criando questionamentos e expandindo seu leque de conhecimento e escolhas, para que o mesmo possa encontrar seu próprio caminho, segundo o MEC (2001). Desenvolvendo um olhar social/educacional, abrirá espaço para discutir os diversos preconceitos, crenças, atitudes, levando os jovens a desenvolverem-se mais do que somente como indivíduos: uma admissão total e amplamente social. O professor pode conduzir o aluno – por meio de suas metodologias – de modo a que não ocorra um afastamento entre quem ensina e quem aprende. Dessa forma, o profissional deve ser aquele que irá trabalhar o tema de uma forma bem ampla, para que o aluno possa tirar suas próprias conclusões. Assim, por exemplo,

[...] na discussão sobre a virgindade entre um grupo de alunos de oitava série com seu professor abordam-se todos os aspectos e opiniões sobre o tema, seu significado para meninos e meninas, pesquisam-se suas implicações em diferentes culturas, sua conotação em diferentes momentos históricos e os valores atribuídos por distintos grupos sociais contemporâneos. Após essa discussão é uma opção pessoal do aluno tirar (ou não) uma conclusão sobre o tema virgindade naquele momento, não sendo necessário explicitá-la para o grupo. (MEC, 2001, p. 83)

Conforme as orientações do Ministério, o educador deve estar habilitado a executar o papel de facilitador entre os pontos (aluno/professor/conhecimento), fim de que o estudante desenvolva seu próprio posicionamento diante da sexualidade. Os tabus, que na maioria das vezes podem ser gerados pela criança ou adolescente – por não entenderem ou conhecerem sua realidade biológica –, devem ser desvelados pelo educador como contra-teses à vivência do jovem, realçando como o conhecimento traz soluções que venham a destruir essas falsas crenças ou, no mínimo, minimizá-las. Tudo isso leva à importância de se entender que o estudo reflexivo e científico do desenvolvimento corporal é importante para nosso entendimento enquanto seres humanos pensantes e sociais, como demonstrado nos documentos do MEC (2001).

O profissional de educação, ao trabalhar com a sexualidade, deve tomar cuidado para não dar conselhos ou narrar experiências que aconteceram com ele, ou seja, deve procurar ser imparcial e profissional, não desrespeitando qualquer diferença presente no indivíduo, como afirma Suplicy (1992).

Um dos grandes fatores motivadores para se desenvolver essas aulas de orientação

sexual é que os adolescentes aprendem tudo isso vivendo em sociedade, o que torna de suma importância que a escola reflita sobre esse assunto e o transforme em algo mais comum no seu dia-a-dia.

Sousa (2002) reafirma que são os pais a base familiar e, por isso, carregam grande importância na realização de um trabalho precípua de orientação, afinal, possuem a grande chance de agirem de modo a provocar uma melhor aceitação por parte de seus filhos, já que a família possui valores/crenças que são repassados a seus descendentes.

Dessa forma, conforme os estudos de Sampaio (1996), torna-se evidente que, em conjunto com o seio familiar, a escola vem para discutir questões ligadas à sexualidade numa visão puramente biológica e social, apontando diferentes pontos de vista possíveis à melhor inserção e convivência da pessoa em sociedade, e que são importantes no processo de amadurecimento do adolescente. Isso mostra que não deveria ocorrer qualquer problema com o docente na exposição dessa matéria em sala, afinal, estaria seu papel bem delimitado e definido.

Todavia, tendo em vista que os apontamentos acima não são os que acontecem na realidade escolar, por conta de retaliações e problemáticas diversas, faz-se necessário entender as adversidades que ocorrem contra um ensino que traz um tema de importância social de relevância.

A fim de compreender e analisar a situação de contrariedade educativa, esta pesquisa foi realizada em duas escolas públicas do ensino fundamental do interior do estado de Goiás, na cidade de Itapuranga. Para tanto, contou-se com a participação de seus professores, levando em consideração fato de ministrarem a disciplina de Ciências.

Por questões éticas, seus nomes não serão divulgados e, para nomeá-los, usaremos os pseudônimos **Professor 1** e **Professor 2**, a fim de não provocar qualquer dano à sua integridade moral. Os colaboradores da pesquisa assinaram um termo de autorização, deliberando o uso total ou parcial de suas respostas para análise e exposição.

Para a obtenção de dados, optamos por um questionário semi-aberto. Segundo Marcone & Lakatos (2003, p. 201) “o questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

ENSINAR A SEXUALIDADE SERIA ENSINAR O AMOR?

De início, analisamos os questionários de **Professor 1** e **Professor 2**, cujo intuito era o de entender como se efetivava a metodologia de ensino ao trabalhar o tema sexualidade em questão em sala de aula, partindo-se do pressuposto de que o estudante estava estudando o assunto pela primeira vez na escola.

As perguntas, ainda, tinham por intuito de perscrutar possíveis medos e anseios por

parte dos profissionais de ensino diante da incumbência de tratar desse assunto, bem como das características vocabulares que compunham a linguagem utilizada para a exposição, tendo em vista o público ser composto por adolescentes.

Para facilitar o entendimento dos leitores desta pesquisa, as questões serão organizadas da seguinte forma: **Q1** para a primeira questão, **Q2** para a segunda e **Q3** para a terceira.

Na **Q1**, os professores foram perguntados sobre quais métodos pedagógicos utilizam para trabalhar o tema “sexualidade” em sala de aula. Foram dadas as seguintes respostas:

Professor 1 – Livros didáticos, filmes, imagens, textos, músicas e conversação.

Professor 2 – O tema sexualidade é trabalhado de forma natural no dia-a-dia, quando necessário esclarecer algo mais específico, no 2º bimestre do 8º ano, usando o livro didático, imagens, palestras com slides, materiais concretos (camisinha masculina e feminina). Faz parte do currículo Referencial da Rede Estadual de Educação de Goiás.

As respostas apontam o compromisso em fazer uso de grande diversidade de instrumentos pedagógicos, os quais ajudam o aluno a assimilar melhor o conteúdo, procurando não deixar lacunas para dúvidas.

Além disso, faz-se importante ressaltar que uma exposição multimodal, ou seja, que se efetive utilizando mais de um formato comunicativo – linguagem verbal, imagens, sons, entre outras – atinja a mais funções cerebrais, aumentando a capacidade de absorção e compreensão das informações apresentadas.

Segundo a **Orientação Sexual do MEC (2001)**:

O educador pode utilizar diferentes materiais para essa finalidade (didáticos, científicos, artísticos, etc.), analisando e comparando a abordagem dada ao corpo pela ciência e pela propaganda, por exemplo; discutindo e questionando o uso de um certo padrão estético veiculado pela mídia. (MEC, 2001, p. 98)

Os PCN (1998) confirmam tais orientações, como é possível verificar na seguinte instrução:

Os educadores podem utilizar diferentes materiais para esses trabalhos (didáticos, científicos, artísticos etc.), analisando e comparando a abordagem dada ao corpo pela ciência, pela propaganda e pela arte; por exemplo, discutindo e questionando o uso de um certo padrão estético veiculado pela mídia. Pode também incentivar a produção (coletiva e individual) das representações que crianças e adolescentes têm sobre o corpo, por meio de desenhos, colagens, modelagem etc. (PCN, 1998, p. 321)

De acordo com as diretrizes apresentadas acima, verifica-se que é de suma importância a utilização de elementos pedagógicos. Materiais de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e/ou de gravidezes, como anticoncepcionais e preservativos, de pequenos filmes, de propagandas e de ilustrações diversas, facilitam o entendimento dos discentes quando o tema lhes é apresentado.

Segundo Setton *et al.* (2002), as mídias tecnológicas podem ser responsáveis pela educação da maioria dos jovens no mundo moderno, trazendo malefícios e benefícios

e transmitindo valores e padrões de uma sociedade. Sendo assim, a partir do momento em que a escola faz uso desses recursos, consegue atingir melhor o ideário do alunado por, então, comunicar-se com ele por meio de aparatos que fazem parte de sua realidade cotidiana.

Na **Q2**, questionamos como os estudantes costumam reagir diante da exposição do tema, e as respostas obtidas foram:

Professor 1 – As reações são várias. Alguns se interessam pelo assunto e fazem perguntas, enquanto outros ficam calados.

Professor 2 – Com muito interesse, apesar das dificuldades que têm em compreender os termos técnicos.

O MEC (2001) aponta o quanto o retorno comportamental dos alunos é importante para o professor, pois é, por essa resposta, que se faz possível verificar e reavaliar as metodologias de ensino e as formas de comunicação, a fim de que qualquer constrangimento seja evitado. Além disso, para que uma atividade como essa tenha resultados satisfatórios e atinja seu objetivo – educar e instruir a respeito da sexualidade –, o trabalho precisa de ser executado de forma plena, necessitando do interesse e do empenho do profissional de ensino, que buscará efetivar um diálogo espontâneo com seus alunos.

Para um bom trabalho de Orientação Sexual, é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professor. Para isso, o professor deve se mostrar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valor sobre as colocações feitas pelos alunos e responder às perguntas de forma direta e esclarecedora. Informações corretas do ponto de vista científico ou esclarecimentos sobre as questões trazidas pelos alunos são fundamentais para seu bem-estar e tranquilidade, para uma maior consciência de seu próprio corpo e melhores condições de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e abuso sexual. (MEC, 2001, p. 84)

Na **Q3**, os professores foram indagados sobre quais são suas maiores dificuldades ao trabalhar com o assunto – os pais, a religião da família, a idade dos alunos. As respostas estão aqui apresentadas:

Professor 1 – Eu não tenho dificuldades em trabalhar com este assunto. Porém, procuro não ultrapassar limites.

Professor 2 – Nenhuma dificuldade nesse sentido. Mas é por contado conhecimento prévio dos alunos em termos populares ou até mesmo prático.

A não dificuldade em trabalhar o assunto aponta para a modificação do perfil do estudante, que se encontra, atualmente, com acesso fácil às informações de todos os tipos, graças à tecnologia e à liberdade em utilizá-la. Um tema que, possivelmente, apresentar-se-ia como uma invasão aos ensinamentos domésticos e aos valores culturais arraigados na tradição familiar, acabam por ser tratados de modo mais natural, tendo em vista o explícito contato da juventude a referências diversas, cada vez mais cedo.

Segundo os PCN, o profissional da educação deve valorizar todas as virtudes familiares – religiosa, cultural, social –, pois cada aluno é um ser único, composto por

uma diversidade de fundamentos e crenças. Por isso, é que

[...] a abordagem oferecida acontece a partir de uma visão pluralista de sexualidade e o papel da escola é abrir espaço para que essa pluralidade de concepções, valores e crenças possa se expressar, não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece. Antes, caberá à escola trabalhar o respeito às diferenças, a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias. (MEC, 2001, p. 85)

Os PCN (1998) defendem uma determinada postura dos professores em relação à orientação sexual, afirmando que

[...] é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professores. Os professores precisam se mostrar disponíveis para conversar a respeito dos temas propostos e abordar as questões de forma direta e esclarecedora, exceção feita às informações que se refiram à intimidade do educador. Informações corretas do ponto de vista científico ou esclarecimentos sobre as questões trazidas pelos alunos são fundamentais para seu bem-estar e tranquilidade, para uma maior consciência de seu próprio corpo, elevação de sua autoestima e, portanto, melhores condições de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e abuso sexual. (PCN, 1998, p. 302)

Os professores entrevistados para a composição deste trabalho, afirmaram que, falar sobre sexo e sexualidade, tem sido algo normal, sem muita dificuldade, observamos desta forma um perfil de escola e de alunos mais abertos. Todavia, é imprescindível atentar para a linguagem, ou seja, o modo de se expressar e de apresentar os termos, pois isso pode ser uma dificuldade no sentido de entendimento por parte dos ouvintes – por conta da idade ou da simplicidade da origem, por exemplo.

De acordo com Nunes (2005):

Não temos “linguagem” para a sexualidade. Temos sim, de um lado, linguagem tradicional, depreciativa, estereotipada, estigmatizada, frequentemente de baixo nível; e, de outro, a linguagem sexual mais humanizada, afetiva e significativa. É mister construí-la, recriá-la... (NUNES, 2005, p. 15)

Acredita-se, diante das respostas dos professores entrevistados e dos pesquisadores e órgãos competentes aqui apontados, que, muito das possíveis dificuldades enfrentadas ao se falar desse assunto, dá-se pela falta de entendimento do docente quanto à linguagem e aos recursos apropriados, tendo em vista o perfil do ouvinte. Além disso, vale ressaltar que, quando existe um maior interesse na busca por uma formação apropriada, a existência de cursos de pós-graduação ou especializações na área, bem como artigos e vídeos instrutivos, são formas adequadas de aperfeiçoamento e instrução.

Por isso, há de se concluir que muitas das problemáticas enfrentadas por certos educadores terminam por ser consequência do não preparo e/ou da inadequação dos recursos. Para Figueiró (1999, p. 3), por exemplo, uma educação sexual informal está embasada em “ações não planejadas, acontecidas no dia a dia”, e que, por conseguinte, podem provocar constrangimento e desaprovação.

A Q4 inquiriu a respeito da possibilidade de a instituição em que o entrevistado trabalha apresentar a sexualidade de uma forma interdisciplinar e, para tanto, foram

registradas as seguintes respostas:

Professor 1 – No dia a dia não, porém, sempre temos palestras voltadas a diversos assuntos, e sexualidade também se encaixa.

Professor 2 – Todos os professores abordam o tema, quando é necessário.

Como é possível verificar, há um pretenso trabalho interdisciplinar entre os professores, o que indica uma tentativa da escola de tornar o tema uma responsabilidade educacional com visão social, tendo cada uma das diversas áreas de conhecimento uma forma de contribuição quanto à conscientização juvenil para a importância do assunto.

Os PCN (1998) acentuam a relevância do conteúdo e, por isso, a necessidade de ser ministrado em um formato transversal, que ultrapasse as barreiras educacionais de limitação e singularização, para que exerça uma influência que sobreponha os muros escolares.

[...] optou-se por integrar a Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais, através da transversalidade, o que significa que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, o posicionamento proposto pelo tema Orientação Sexual, assim como acontece com todos os Temas Transversais, estará impregnando toda a prática educativa. Cada uma das áreas tratará da temática da sexualidade por meio de sua própria proposta de trabalho. Ao se apresentarem os conteúdos de Orientação Sexual, serão explicitadas as articulações mais evidentes de cada bloco de conteúdo com as diversas áreas. (PCN, 1998, p. 307)

Sendo assim, essa interdisciplinaridade é avaliada como “transversal”, segundo os PCN, atravessando fronteiras disciplinares, enraizando-se por todo o campo pedagógico, de maneira a se expandir pelas práticas escolares de modo generalizado.

De certa forma, ao observar as respostas dos professores, compreende-se que a responsabilidade quanto ao ensino é delegada ao profissional habilitado em Ciências (por conter em sua formação disciplinas que trabalhem este tema), para que possa instruir quanto à nomenclatura científica, ao conhecimento detalhado da composição fisiológica, bem como às consequências de atitudes irresponsáveis nos atos sexuais e, para tanto, não há um trabalho de parceria direta com os demais docentes que ministram matérias diversas. Todavia, quando se parte para a conscientização e a importância desse conhecimento, a ponto de se ter uma conduta social adequada e uma visão de maturidade e respeito, as demais disciplinas unem-se e buscam promover uma forma generalizada de ensinar e conduzir.

Na **Q5** - que é a última do questionário - foi perguntado se o professor procura se guiar pelos PCN quando vai elaborar e ministrar suas aulas sobre sexualidade, sendo que estas foram as respostas:

Professor 1 – Sim.

Professor 2 – Os Parâmetros Curriculares Nacionais já foram utilizados para planejamento nesse e em outros conteúdos, mas hoje não uso mais.

Por orientarem em relação a todas as disciplinas escolares, os PCN são a base de prescrição para o desenvolvimento de uma boa aula. Dessa forma, é de grande importância que balizem os professores e não sejam esquecidos enquanto documento educacional, pois tais parâmetros foram desenvolvidos para agirem como um “farol” para os profissionais da educação, orientando-os e guiando-os em todos os aspectos de ensino de conteúdo.

O MEC (2001) tem como objetivo

[...] promover reflexões e discussões de técnicos, professores, equipes pedagógicas, bem como pais e responsáveis, com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica no desenvolvimento dos alunos, levando em conta os princípios morais de cada um dos envolvidos e respeitando, também, os Direitos Humanos. (MEC, 2001, p. 73)

Quando se trata de direitos humanos, o conhecimento a respeito de sexualidade promove um grande crescimento da vida social, ainda mais quando se refere às descobertas e ao comportamento dos adolescentes, pois influencia na composição cultural e na formação intelectual. Por isso, o MEC entende que a melhor forma de desenvolver a orientação sexual envolve, também, a explicação a respeito da diversidade de gênero.

Os Parâmetros, por exemplo, orientam a instituição de ensino sobre ultrapassar suas práticas pedagógicas, criando novas relações entre o sujeito (aluno) e suas práticas sociais. Os PCN (1998) afirmam que a finalidade do trabalho de orientação sexual

[...] é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. Esse tema vincula-se ao exercício da cidadania na medida em que propõe o desenvolvimento do respeito a si e ao outro e contribui para garantir direitos básicos a todos, como a saúde, a informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades. (PCN, 1998, p. 311)

Por isso, trabalhar sexualidade em sala é mais do que apresentar uma disciplina, um conhecimento corriqueiro. Esse assunto, na verdade, tem o propósito de promover uma melhora no indivíduo, levando-o a práticas sociais que reproduzem uma visão representativa de sujeito autodisciplinado em relação à maneira de se viver. Entender e defender a liberdade de gêneros e o respeito à composição fisiológica e psicológica, além de trabalhar o respeito, forma pessoas de boa índole e melhora a convivência em sociedade, em todos os aspectos.

E ENTÃO, FOI BOM PRA VOCÊ?

Esta pesquisa não foi feita para trazer respostas definitivas sobre o assunto, pois ainda há muito para se analisar e questionar. A intenção, na verdade, foi a de desenvolver reflexões acerca do tema, entendendo seu formato e apresentação em uma pequena cidade interiorana do estado de Goiás.

A vida não é uma questão matemática, que pode ser solucionada apenas com uma

fórmula e tendo um único resultado. Objetivamos trazer questões que são polêmicas, quando trazidas a âmbito nacional, ainda que se trate de uma sociedade considerada moderna. Somos seres famintos por conhecimento e, por isso, faz-se necessário atribuir à escola o importante papel na transmissão de informações e nos resultados que essas práticas promoverão, a fim de que venhamos a respeitar, ainda mais, o trabalho docente que é feito dentro dos muros das escolas – afinal, transporão, em muito, os limites físicos. A sociedade está em constante mudança e, por isso, nossas instituições de ensino também trazem a necessidade de acompanhar a todas elas, criando um emaranhado discursivo que abarque e mescle as múltiplas faces do desenvolvimento e a necessidade de conhecer a todas. A escola reflete a sociedade moderna, da mesma forma que a influencia.

Esta pesquisa intentou realizar uma busca, para analisar de que modo as mudanças interferem nas instituições de ensino ou são por elas promovidas, já que os professores são os responsáveis pela transmissão do conhecimento e, portanto, vivem todas as dificuldades que a composição social traz. Nessa profissão, vive-se o constrangimento de ter de suportar todas as angústias e dificuldades de um ofício mais que humano, afinal, pesquisas sociológicas diversas confirmam que a carreira de ensinar é a responsável por humanizar, ou seja, por tornar o indivíduo um ser humano social.

Como podemos observar, há uma gama de mudanças que estão acontecendo no mundo, transformações essas que influenciam diretamente o âmbito escolar. Portanto, diante das várias formas de transmissão de doenças venéreas, de gravidezes precoces e de intolerância quanto à diversidade de gênero, cabe a todos nós refletir a respeito da importância dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que procuram ressaltar a relevância social de se trabalhar a orientação sexual em sala de aula.

Investigações biológicas apontam que, desde cedo, a criança demonstra seu comportamento enquanto ser sexuado, apesar de ser de modo ingênuo e sem referência a desejo físico. Por isso, Sousa (2002) coloca que é impossível que a escola não exerça seu fundamental papel quanto à orientação, pois é o lugar onde esses pequenos indivíduos – ainda em formação física e mental – vivem a grande parte de suas experiências e descobertas.

Por sua vez, Valladares (2001) pondera que o trabalho de orientação sexual seja realizado de forma presente e eficaz, pois os canais de comunicação entre o profissional e o aluno necessitam de estar sempre abertos. Porém, de acordo com os PCN (1998), o profissional a tratar do tema não precisa de ser, necessariamente, alguém formado nessa área ou especializado no assunto, mas sim, ter um bom domínio sobre o conteúdo, metodologias adequadas, clareza em sua exposição, nunca fazer uso de redundâncias e, por último e mais importante, ser humano e isento de preconceitos. Ainda em relação a esses parâmetros, o dever dos pais é citado como obrigatório na transmissão das primeiras informações, para que seus filhos tenham, em seu acolhimento afetivo e precípuo, um

básico conhecimento sobre sexo e sexualidade. O ideal é que nunca se “deixe para lá”, pois o trabalho feito em conjunto – pais e escola – traz as bases para a formação de um indivíduo com conhecimento sobre sua sexualidade, sobre seu comportamento social e com poucas dúvidas sobre si mesmo e sobre os outros.

Diante de todas essas ponderações, pode-se apurar que educar, então, não significa apenas informar ou transmitir algum conteúdo. A grande diversidade assumida hoje no mundo cobra dos educadores uma postura mais ampla e maleável quanto à forma de ensinar e, dessa forma, a necessidade de uma autoconstrução e de uma busca particular e coletiva por aprimoramento profissional.

Por isso, a partir das experiências e das avaliações feitas ao longo da vida, observa-se que mudar, transformar e recriar tornam-se necessidades fundamentais para uma adequada convivência em sociedade. Afinal, os preceitos e as pesquisas tendem a nos guiar para uma educação mais humanizada, mas é nosso dever entender que a prática é uma tentativa diária e que a melhoria se faz quando se enxerga uma responsabilidade individual, em busca de um progresso coletivo.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Santa Catarina: Revista Estudos Feministas, ano 9, 2002.

BENTO, Jorge. O. **A criança no despertar da sua sexualidade**. Kinesis: 35, 1989.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e Quarto ciclos. Orientação sexual:1998.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. **Educação Sexual, construindo uma nova realidade**. Salvador: UFBA, 1995.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual no dia-a-dia**: 1ª coletânea. Londrina: [s.n], 1999.

LAESEN-FREEMAN, Diane; LONG, Michael. H. **An Introduction to Second Language Acquisition Research**. London: Longman UK Limited, 1991.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEC. **Orientação Sexual**. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livrvro102.pdf>>. Acesso em: 06 junho. 2017.

MOTTA, A.; PORTO, H. R. L. **As cidades são o palco: Democracia Viva**, v. 03, 1995.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança**. São Paulo: editora autores associados, 2000.

NUNES, César. Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. 7ª. ed. Campinas: Papyrus, 2005.

PIASENTIM, Regilda Lopes de Albuquerque. **Sexualidade e adolescência nas 5^{as} séries**. PDE: Mandaguari,

2009.

SAMPAIO, Simaia. **Educação sexual para além dos tabus**. Salvador: UFBA, 1996.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Família escola e mídia: um campo com novas configurações**. *Educação e Pesquisa*. 2002, P:107-116.

SOUZA, Halia Pauliv de. **Sexo, energia presente em casa e na escola**. São Paulo: Paulinas, 2002.

_____. **Convivendo com seu sexo (Pais e Professores)**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

SUPLICY, Marta. **Guia Nacional de Orientação Sexual: Diretrizes e Metodologia da Pré-Escola ao 2º Grau**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

VALLADARES, Kátia. **Orientação Sexual na Escola**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aplicativo Educativo 74, 75, 77, 80, 83, 84, 85

Aprendizagem 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 53, 56, 58, 59, 60, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 98, 103, 104, 108, 111, 112, 114, 126, 140

C

Ciências 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 34, 35, 40, 44, 51, 59, 62, 72, 73, 78, 90, 91, 146

Currículo intercultural e bilíngue 49, 55, 58, 59

D

Diversidade dos sujeitos 12, 13, 14, 15, 21, 22, 25, 27, 31, 32

E

Educação 11, 2, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 71, 72, 73, 78, 80, 82, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Educação de jovens e adultos 15, 16, 24, 32, 33, 91

Educação escolar quilombola 135, 137, 140

Educação infantil 11, 62, 63, 64, 67, 68, 71, 72, 73, 99

Educação Prisional 90, 95, 107, 110, 111

EJA em prisões 86

Ensino 1, 2, 3, 4, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 32, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 49, 50, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 74, 77, 78, 80, 86, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 122, 126, 133, 138, 140, 143, 146

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 19, 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 53, 54, 55, 59, 60, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 103, 109, 111, 115, 117, 118, 122, 124, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 143, 144

Escolas quilombolas 135, 138, 139, 140, 142, 143

G

Gênero 2, 10, 19, 37, 45, 46, 52, 55, 62, 63, 64, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 84, 85, 109, 112, 115, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 133, 134

Gestão Educacional 107, 114, 116

H

Histórico de vida 12

I

Infância 10, 26, 62, 63, 64, 72, 73, 121

Interculturalidade 49, 53, 54

M

Masculinidade 67, 71, 72, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Mulheres brasileiras 75, 77, 78, 80, 83, 84

Multiculturalismo 49, 50, 51, 52, 53, 54, 60, 61, 145

O

Orientação Sexual 1, 2, 3, 10, 11, 19, 34, 35, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

P

Paulo Freire 12, 13, 14, 19, 21, 22, 31, 56, 57, 59, 61, 90, 107, 108, 110, 111, 116

Pedagogia de projetos 88, 89, 91, 92, 95

Pedagogia em contextos não escolares 97

Pedagogia Social 33, 97, 98, 102, 105, 106

Pioneiras 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84, 85

Política 16, 17, 32, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 78, 79, 82, 87, 99, 100, 106, 107, 108, 112, 116, 121, 125, 129, 131, 132, 133, 136, 137, 139, 142, 145

Práticas curriculares 135, 138, 141

Professor 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 18, 20, 27, 30, 32, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 75, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 97, 98, 99, 102, 103, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 135, 141, 143, 146

R

Reconhecimento Feminino 75

S

Saúde 2, 7, 9, 11, 19, 36, 45, 78, 79

Sexualidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 63, 64, 72, 73, 77, 122, 123, 126, 128, 129, 131, 132, 133, 134

Sistema prisional 86, 91, 97, 100, 106

T

Teoria Pedagógica 107, 116

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

5

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

5

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

**Atena**
Editora

Ano 2020